

CULTURA ASCURRENSE V: ALDO VALDIR PINTARELLI

Prezados Ascurrenses e caros leitores do "Jornal Parole"

Dando seqüência aos artigos sobre "Cultura Ascurrense", nesse mês, trazemos a contribuição e a entrevista de um dos nomes mais influentes e importantes de nosso município: **Sr Aldo Valdir Pintarelli**. Falar da história de Ascurra é também falar do **“Valdir**. Filho de Joaquim Pintarelli (in memoriam) e Liberata Venturi Pintarelli (in Memoriam). Nascido no dia 13 de novembro de 1933, sempre viveu em Ascurra. Muito confiante no município, foi ele quem esteve à frente do processo de emancipação. Pertence a uma leva de ascurrenses que não desanima de nossa cidade e vê em Ascurra uma cidade viável. Sempre fala: *“Sou do Tamanduá”*. Testemunhou eventos como a Segunda Guerra Mundial. Viu Ascurra crescer. É contador de histórias, “causos e fatos”. Adverte: *“é tudo verdade, eu tenho provas”*. Foi sempre figura de destaque na comunidade ascurrense. Bem humorado e de espírito jovem fala: *“tenho como marca fazer as pessoas darem risadas em velórios”... “sempre me chamavam à noite para contar piadas e rir. E eu dizia ...: se o falecido está numa boa ...no céu então não há problemas em dar risadas.”* Conhecido por seu bom humor e alegria, esse “jovem de 73 anos” nos concedeu a entrevista abaixo apresentada. Sinceros agradecimentos a essa figura emblemática.

André - Seu Valdir: Sua vida está muito ligada à história do município. Então, conte-nos sobre sua vida em Ascurra... como o senhor viveu aqui ao longo desses anos?

Valdir: "Bom, hoje tenho setenta e três (73) anos e mais alguns meses. E, se Deus me deixar mais algum tempo, pretendo chegar aos setenta e quatro (74). Nasci aos 13 de novembro do ano de 1933. Por isso costumo dizer que ano é trinta e três (33), mas o modelo é trinta e quatro (34). Claro, pois no fim do ano, todas as máquinas e carros, mudam de modelo. Então sou modelo trinta e quatro (34). Eu, nasci no interior. Meu pai, na época era muito respeitado. Sempre que se referiam ao pai diziam: “O Joaquim Pintarelli é um homem bem implantado”. Na linguagem da época queria dizer que era um colono bem colocado, de posses. Por quê? Porque nós tínhamos duas carroças e na época não eram todos que tinham. E nós tínhamos dois bois e quatro cavalos. E, já que nosso terreno no Tamanduá era muito acidentado e não havia como mecanizar e também não havia máquinas, naquele tempo só se trabalhava na força do braço. Assim era com a cultura do arroz. Por exemplo: a nivelção da arrozeira era muito difícil... a colheita muito demorada, e... assim meu pai viveu".

"Quanto à escolaridade sempre digo que fui para escola só dois anos... mas faltei um ano e meio. Explico. Eu, em 1940, em plena Segunda Guerra Mundial fui matriculado na “escoletta” das Irmãs Anunciata Vegini, da irmã Domingas e irmã Lodovina Venturi. Daí, eu só lembro do fato que no primeiro dia a Irmã me entregou o livrinho, a cartilha e eu neguei e falei: “Ah, essa eu sei de cor e salteado... de trás pra frente”. Daí ela disse: “então pegue o Trabalho” que seria o segundo livro. Respondi: “sei de cor também, de frente pra trás e de trás pra frente”.

"A professora da época tinha uma circular das escolas, distribuída pela Secretaria da Educação e eu falei então: “irmã, me dê esse papel que eu consigo ler”. E eu li o documento corretamente e falei: “irmã, isso aqui é uma circular, que quer dizer que circula em todo Estado e que todos os documentos falam a mesma coisa”. “Ah é, disse a irmã, mas que doutorzinho.”. Falou bem assim... Então ela em oito dias disse: “Valdir, pra você aqui não dá. Tem que ir pro segundo ano. E eu tive tanta facilidade, porque meu pai era sábio. Tínhamos pendurado na parede um mapa mundi, um do Brasil e um de Santa Catarina. E, lá eu copiava o que eu gostava. Gostava de geografia como gosto ainda hoje. Gosto de conhecer, sempre que posso, novas cidades. Então, nunca tive problemas em aprender coisas novas".

André - *Seu Valdir, conte-nos um fato histórico que o senhor tenha vivenciado ao longo desses anos em Ascurra e que o tenha marcado.*

Valdir - "Bom, um fato histórico que me marcou muito foi a Segunda Guerra Mundial. Eu tinha um tio meu que estava na guerra (Segunda Guerra mundial). O presidente Getúlio Vargas mandou na época vinte e cinco mil (25.000) homens para a guerra na Itália. Foi esse meu tio e mais dois primos meus. Um dos primos voltou. O outro acabou sendo morto lá mesmo e lá está enterrado no cemitério de "Pistóia", na Itália, na cidade de Crapo, e nós aqui rezávamos toda noite de joelhos o terço. Era sagrado".

Não tínhamos rádio, não tínhamos televisão e então não tínhamos nenhuma notícia. Nós só tínhamos uma tal de "Esquilla" que seria o jornal de hoje, como era chamado em italiano esse jornal. Então, em Ascurra, somente seis (6) pessoas assinavam, inclusive meu pai. E todos os meses vinha a Esquilla pelo correio. Eu ia buscar e meu pai lia toda ela em poucas horas e já saía espalhando por aí as notícias. Ele era um sabidão. Então, ele saía dando as notícias da guerra por exemplo, tudo em italiano: "Putéi, la guerra l'è in tal punto. Ei aliati l'á dato uno piccolo avanzo. Ma sol que l'altrêi el Hitler (que i é pú preparadi) i gá copá no só quanti solidati. E eu acompanhava tudo e ouvia para ficar informado".

"E quando foi o dia 25 de junho de 1945, terminou a guerra. O Luiz Zonta, dono do correio recebeu um telegrama: Terminou a guerra, às 9 horas da manhã. Ele pegou o telegrama e passou no bar do Sr. Mino Carreguetta e comunicou a quem estava lá. Comunicou ao Nilo Bordin que tinha vindo da Itália e morava no Tamanduá – que estava bem alegre já que ele tinha tomado bastante uma *certa bebida que passarinho não bebe* e gostava bastante (=snhapa) e ele por conta subiu lá na torre da Igreja e puxou as cordas dos três sinos. Era um barulhão tremendo. E não podia mexer nos sinos. Era um sacrilégio tremendo mexer no sino, ainda mais uma pessoa não autorizada".

"Correram para lá cinco padres de uma só vez e queriam tirar à força o nono Bordin e ele não quis saber. Ele só gritava: Se há finito la guerra! Adesso gavema patche. Adesso se venhirá la ditadura del Getúlio, ei lo trá fora e noialtri endema a viver bem... E os padres dizendo... nono Bordin, não pode... mas sem jeito. E às 16 horas, naquele dia, outro telegrama confirmou que realmente tinha terminado a Segunda Guerra Mundial. E então, daí a sete (7) meses, voltaram os soldados e voltaram como vitoriosos".

Já no ano de 1951, em novembro, meu pai se suicidou. Eu, estava escalado para ir pro Rio de Janeiro no ano 1952. Para o exército. Foram escolhidos apenas dois de Ascurra: eu e o Lino Piza, com a mesma idade, vivo ele também até hoje. Mas, com a morte do pai, o Prefeito de Indaial da época, Germano Brandes, veio na nossa casa e disse: você não pode servir. Então, me levou para Blumenau no quartel e lá conseguí a carteira de "terceira" que é aquela para não servir e fiquei em casa e toquei a nossa família".

"Administrei direitinho apesar de muitos achar que eu era jovem demais, apenas dezoito (18) anos, Eu, levei adiante as idéias dele, do meu pai. Foi mais tarde, no ano de 1960, que comprei um caminhão. Fui o primeiro colono de Santa Catarina a comprar o próprio caminhão para transportar a própria produção. Tinha uma plantação de quinze mil pés de banana. Foi no inverno daquele ano também que Ascurra ficou branca de neve como São Joaquim e perdi toda a produção de bananas. Mas eu dei um jeito de saldar as dívidas do caminhão e dar a volta por cima. Comprei com meu sogro um engenho no Bairro da Estação. Fomos muito bem".

André - *Seu Valdir, o senhor marca a história de Ascurra quando foi o vereador, autor do projeto que criou nosso município. Conte-nos um pouco dessa passagem histórica.*

Valdir - Em 1963, eu já pertencia ao PSD – partido da época. Os meus amigos me candidataram a vereador. E eu aceitei com uma condição: vou emancipar nosso distrito, vou torná-lo município. Explico por que tive essa idéia. Eu estava em Ponta Grossa (PR) e comprei 30 rolos de arame farpado. O homem do armazém pediu o meu endereço. Repondi: moro em Ascurra, distrito de

Indaial, estrada do Tamanduá. E ele me perguntou: sim, mas mora alguém lá? Pois não tem telefone, não tem número da casa e não tem nome na rua. Como isso? E eu respondi: amanhã de tarde eu vou morar... se chegar vivo em casa. E me veio a inspiração, a idéia e disse: será que vamos ter que viver assim a vida toda? Sem endereço, sem telefone, sem casa, sem nada? E a partir daí comecei a falar para os amigos mais influentes em Ascurra: Dalvofo, Poffo, Zonta e todos os amigos que estavam no Partido em que eu estava.

Tive dificuldades. Talvez uns setenta por cento (70%) deles não concordava, pois imaginavam que após a emancipação teríamos muito mais despesas do que receitas e o município afundaria em dívidas. Prefeito... funcionários...secretárias... não daríamos conta... tanto que um amigo, já na época com setenta e cinco anos (75) me disse: Valdir, no stá a meter-te far município perchê ei imposti de la carreta (carroça) el salta de un fiorin a un fiorin e méz. El imposto dela bicicleta el salta de sessanta centavi per dói fiorini. Stát atento Valdir. Varda que te sei zoven, sei un pópo e no te sai cossa te fai. Lassa queste idéie presto. Mas não me convenceu. Falei: nono, se isso acontecer, pago o imposto da chapa da carroça e da bicicleta, mas vou tentar.

E e elegi. Com muitos votos. Elegemos Presidente da Câmara em Indaial um colega coligado e ele deu o voto de Minerva em função da emancipação. Houve discussões pelos limites com Apiúna. Queríamos que Ascurra fosse até o Ribeirão São Luiz. Mas por pressão dos apiunenses, tive de recuar e os limites ficaram no Ribeirão Santa Bárbara. Então, começamos e bem, com independência administrativa e financeira. O senhor José Buzzzi, foi nomeado nosso primeiro prefeito e viemos escrevendo nossa história política até hoje (...).

André - *Quais foram as principais dificuldades que o senhor enfrentou em Ascurra?*

Valdir - "Eu praticamente nunca encontrei dificuldades. Porque eu ia aceitando tudo. As coisas iam acontecendo e eu sempre trabalhando em busca de um objetivo, de uma idéia. Quando eu a achava viável. Devo ter feito umas cinqüenta viagens para Florianópolis. Lá, nas secretarias de Estado e nas repartições todos me atendiam sem que eu batesse à porta. Todos me recebiam, inclusive na época o próprio governador. Eu tive audiência com uns quatro governadores e faziam questão de conversar comigo. Porque eu conseguia convencer talvez. E, sempre pedindo recursos para a Prefeitura. E se procurarem na prefeitura, uma nota fiscal de despesas minhas, não vão encontrar. Eu sempre almocei, jantei e tudo o mais por minha conta. Foi um trabalho exclusivo e por amor a esse município".

André - *O que o senhor gostaria que permanecesse em Ascurra e o que o Senhor gostaria que mudasse?*

Valdir - "Ah, muita coisa. Ascurra é uma pequena mancha no mapa de Santa Catarina. Mas, sempre costumo falar por aí, para as pessoas que conversam comigo, que é um município muito viável. Muito mais talvez do que outros setenta (70) ou oitenta (80) municípios que têm muita dificuldade no interior do Estado. Temos uma situação topográfica interessante. Temos Apiúna e Rodeio como nossos parceiros no Fórum. Temos cinqüenta e dois (52) quilômetros daqui até o centro de Blumenau... distância equivalente até Rio do Sul. Oitenta e oito (88) quilômetros até o porto de Itajaí. Temos em torno de cento e onze (111) quilômetros até Camboriu. Temos a BR 470 em véspera de duplicação".

"Temos também – alguns dão risada quando falo - o rio Itajaí Açu, que traz enchentes mas também abastece a região. Linha de alta tensão da Eletrosul. Então Ascurra é viável. Temos bancos, diversos serviços, bombeiros, um grupo de jovens dispostos a trabalhar. E a população. Então, gostaria que a prefeitura trouxesse emprego para a mão-de-obra masculina, já que muitos ascurrenses ganham a vida fora do município: em Indaial, Blumenau, Pomerode, Timbó ou outras cidades. A mão-de-obra feminina está bem servida, particularmente pelas facções. Como o mar não está para peixes não só no Brasil mas em todo o mundo, sei que isso não é tão fácil... trazer indústrias nessa época. E não costumo criticar por isso os prefeitos: na rua ou em botecos de

esquina. Quando tenho reclamações vou direto falar com eles. Não critico alguém por que é meu adversário. Procuro sempre ajudar e dar sugestões".

"Então, estou feliz de morar em Ascurra. Tem até uma rua com meu nome! E, já não deixa de ser uma prova de gratidão. Participei da vida da cidade. Até da implementação da estrada que vai para Guaricanas, passando pela Mariota eu participei. Essa estrada, chamei "Transguaricanas". Não temos a Transamazônica? Então eu, na Secretaria de Estado, chamei de "Transguaricanas". E ganhei a verba de cr\$ 8.000,00 (oito mil cruzeiros) na época. Ainda, fui o autor do projeto, Vereador, busquei a verba e fui o operador de máquina que trabalhou na estrada".

"Também, eu gostaria que permanecesse em Ascurra o Colégio Salesiano. Os Padres salesianos fazem parte de nossa cidade. Nos ajudaram muito. Foram as contribuições culturais, o teatro, da qual participei, representei muitas peças com o Valmor Marchi e com o Zéca Grava. O colégio não deveria ser fechado de qualquer forma. Existe até condição de abrigar uma bela faculdade. Não sei se ainda tem jeito, já que tem bastante delas aqui próximas. Mas essa seria uma empreitada que eu gostaria de participar, até o fim".

André - *Seu Valdir, Sabemos da sua habilidade e da sua memória para contar histórias... Gostaríamos que o senhor nos contasse algumas..*

Valdir - "Eu sempre digo que quando consigo fazer um idoso ou uma criança dar uma risada, é como se eu recebesse um pagamento. Não tem nada de melhor. Por que eu sempre gostei dos velhinhos, desde que era criança. Tinha assunto. Era só dizer assim: "Os jovens não servem pra nada". Não valem nada". Pronto, eles gostavam. E quando a gente queria e quer a atenção dos jovens é só dizer: "os velhinhos é que não servem pra nada. São caretas, ultrapassados e então a gente consegue conversar com os dois. Oras, a gente usa a língua conforme o auditório"

"Mas existem umas passagens engraçadas na vida da gente... a história da Balsa de Ascurra. Do balseiro. O João Garbari se ofereceu para trabalhar com a Balsa. E o dono aceitou. Entregou o serviço a ele. E deu orientações: João, se chover demais e o rio subir mais de um metro você não pode dar passagem. Vai afogar todo mundo, tome cuidado. O João Garbari que tinha uma voz fininha e bem esquisita falou para o Emílio Roza, Dono da balsa: "Pode deixar que eu sei o que eu faço. Eu vou fazer uma marca embaixo da balsa e o Sr. vai ver. E, então o Emílio Roza deu um carvão e o outro foi lá e fez um risco. Bom, o risco era para ser feito no barranco. Mas ele fez onde quis. Daí a um mês, deu uma chuva muito forte e o João foi de manhã cedo desamarrar a balsa para atravessar uma carroça. Quando o Emílio Roza percebeu, gritou logo: João, o Rio subiu três metros, tu não pode passar. E o empregado respondeu: "pensa que sou burro, Emílio. Vem cá ver, o nível está o mesmo de ontem. O Emílio foi conferir e viu que o empregado tinha feito o risco na própria balsa. Bom, nesse caso podia ter subido cem metros..."

"Em outra passagem, um senhor aqui perto, muito amigo meu, ia pra tafona a cavalo. Ia cruzar a ponte com vinte quilos de milho. Mas antes de cruzar numa ponte meio duvidosa por causa do peso, ele parava o cavalo, tirava o saco de milho da garupa do animal e colocava nas próprias costas e cruzava a ponte. Só que ele não descia do cavalo. E ninguém convencia o cavaleiro quando dizia: escuta, seu fulano, o senhor não tirou nem um quilo de peso. E ele ficava irritado e dizia: Voialtri sê tutti stúpidi. Mi só cósso que fago. E cruzava a ponte, montado e com o saco nas próprias ..."

"Outra passagem, com o "Nono Angelo Bazzanella" (que inclusive é o bisavô do entrevistador André). Eu era criança. Fui na casa dele no Ribeirão São Paulo com a minha saudosa irmã mais velha. Fomos lá mandados pela mamãe buscar um garrafão de melado. E, enquanto eu estava esperando o garrafão na frente da casa, veio uma cachorrinha do "nono", branquinha, toda arretadinha. Cheirou minha perna, mordeu e saiu correndo... e foi aquela dentada!!! Eu fiquei com muita dor. Fiquei com vergonha do nono e medo de que ia infeccionar. Minha irmã mais velha começou a chorar. Daí o "Nono" Bazzanella veio e disse: Pópo, noialtri sema come quela canhóta.

Stá bem atento. Tutti noialtri gavema durante el dí, un menut de estupiditá. Se em quel minut te estai a far qualcós, te pôdi far canhare. E ele tinha razão. E disse: essa cadelinha, nunca fez mal a ninguém., só naquele momento é que ela perdeu o juízo...Cheguei em casa, contei pro meu pai e ele concordou: o “Nono” tem razão”.

"Tem outra. O meu avô, por parte da minha esposa, comprou um rádio. O terceiro rádio aqui em Ascurra. Morava no Ribeirão São Paulo. E os vizinhos foram lá “assistir” o rádio. Não foram ouvir. E naquela época, pegava a Rádio Farroupilha do Rio Grande do Sul, Excelsior, Tupi e algumas mais que "pegavam"... e só. E o rádio estava ligado na Tupi. E deu as notícias do Repórter Esso e etc. E as nove horas da noite a rádio encerrava a programação. E então falou o locutor com voz bem grossa: “Aqui se despede o locutor da rádio Tupi do Rio de Janeiro”. E meu avô deu um pulo e disse: Shacramenta, tá tupido (entupido). No dia seguinte os vizinhos vieram curiosos e perguntaram: “Nono” e a rádio? Ah, diz ele, “tá entupida, lá não mecho mais”. E o rádio passou dois meses desligado”.

"Esse mesmo nono tinha uma tafona. Tocada a água. Fornecia fubá para todo o Ribeirão São Paulo. E, quando veio a energia elétrica ele quis melhorar a tafona e colocou energia e comprou um motor elétrico. Que fazia a mesma coisa: fubá. Mas, metade dos italianos começou a falar: “Ei Diamantori (clientes), metade deles não compram mais fubá no Ángelo Poffo porque a farinha que ele anda fazendo tem cheiro de energia elétrica”.

"Uma vez, uns três padres foram com uns dez alunos, os mais reforçados, lá pra Saxônia, puxar vinte vigas para a igreja. E no fundo da tifa havia um colono muito trabalhador, chamado Facó. Mas esse era um apelido. O Sobrenome era Simeoni. E, tinha uma junta de bois muito boa. E os padres disseram: Sr. Simeone, o senhor puxa as novas toras? Nós queremos construir nossa igreja... Ele concordou e foi. Engatou uma viga daquelas na junta de bois. Mandou eles arrancarem ... e nada. Tinham empacado. Padres, alunos e colonos, todos olhavam...E o seu Facó pegava o boi com muito jeito, batia, puxava e nada. Então, um dos vizinhos do seu Facó chamou os padres e falou: “Padres, se ele não blasfemar, os bois não se mexem. Um dos padres então chamou o Seu Simeone e disse: O senhor tem que usar a linguagem que o senhor ensinou pros bois. Deve ser por isso que eles não trabalham. E o Seu Simeone ficou todo sem jeito e disse... “é, mais vocês estão aqui, então não dá”. O Padre tornou a dizer: “quero as vigas lá fora, e os pecados eu perdôo aqui e agora.” Não precisou dizer mais nada: Seu Simeone foi próximo aos bois e falou em alto e bom tom de voz: “Xacramento, ve côpo porco dio”. E os bois foram cinqüenta metros já na primeira saída. E ele estaleirou toda a madeira para os padres até o meio dia”.

André - Seu Valdir, o senhor que é uma pessoa alegre e gosta da alegria, não acha que o mundo está muito sério? O mundo, as pessoas não andam muito preocupadas?

Valdir - "Ah sim. O mundo está é muito sisudo. O problema é que o mundo está muito desigual. Tem alguns muito ricos e muita gente que é miserável demais. Também nossas leis e nossos políticos que muitas vezes ficam fazendo as leis para se auto-beneficiarem. A corrupção anda tomando conta. Também, o povo não consegue acompanhar a tecnologia. Ela existe, mas não está acessível para a maioria das pessoas. Noventa por cento (90%) não acompanha as transformações do mundo e a tecnologia. Então ficam frustrados. Os antigos, nos idos de 1950, previam que nos anos 2000 o mundo morreria de fome. Mas fomos surpresos: por que há super-produção de tudo, graças à automação, à tecnologia. Mas não temos distribuição de tudo isso, da renda e não há maior consumo.